

# Apresentação

## Calidoscópico contemporâneo: novas perspectivas para pensar o social

João Maia\*

**P**reocupados com um certo “mal-estar da cultura”, os pensadores, cada vez mais, lançam mão de metáforas para denunciar o movimento instável do mundo. Para todo lugar que olhamos assistimos a incerteza dominar o cenário do pensamento contemporâneo. Apreciamos e ouvimos um certo balbuciar denunciando algumas perdas, porém nada indica que nesse espaço não surja algo novo e diferente para tentar explicar o que vivemos hoje.

Neste número da Logos poderemos apreciar diversos artigos que irão nos fazer vislumbrar um possível real, como se estivéssemos olhando através de um instrumento interessante: o calidoscópico, que com seu fundo móvel e colorido vai produzir imagens variadas. Diversas são as metáforas que os autores utilizam para tentar expor esse algo novo que está surgindo no meio de tanta confusão e efervescência.

Para Edgar Morin, se existe uma crise do desenvolvimento, um dos primeiros efeitos dela, como de toda crise, é de tornar incerto o que era certo, tornar problemático o que era claro e levantar contradições no seio de uma noção que parecia coerente.

Esta crise faz aparecer a ambivalência do que era considerado único, a contradição do que parecia lógico, a corrupção no que parecia salvador, isto é, na “ciência”, “razão”, “progresso”, “desenvolvimento”, que apontam não somente para as idéias de felicidade, liberdade, vida, bem-estar, mas também para mal-estar, sofrimento, escravidão, destruição.

A crise do desenvolvimento não é só a crise da conquista da natureza (objeto) pelo homem (sujeito/soberano do mundo) e o triunfo do indivíduo

autômato. Não é o caso de rejeitar a técnica, a ciência, a racionalidade e o humanismo. O ponto central em Morin é ver questões onde as respostas eram evidentes. Abrir novas perspectivas. A crise do desenvolvimento é a crise do controle sobre o desenvolvimento e do nosso próprio desenvolvimento. Sugiro se deixar levar por esse olhar, atento para as novas perspectivas, entregar-se à Logos número 10.

Nízia Villaça, refletindo sobre a questão da subjetividade, vai fazer um mapeamento do imaginário contemporâneo, levantando uma investigação sobre a transformação do sujeito. Para saborear o que ela chama de “coquetel subjetivo contemporâneo”, segue a trilha de Edgar Morin, para falar da subjetividade relacionada ao paradigma científico, e a de Félix Guattari, em que vê a possibilidade de não obediência às relações hierárquicas dos sistemas tradicionais de determinação do tipo infra-estrutura material e superestrutura ideológica, para considerar a questão da subjetividade. A autora vai fazer um levantamento diversificado para pensar sobre a subjetividade, fazendo uma leitura de diversos autores a partir de uma multiplicidade de olhares sobre a mesma questão. Para Nízia Villaça, “todos eles, de forma mais ou menos explícita, acham-se inseridos no que poderíamos denominar uma transição para um novo paradigma imerso na complexidade que fusiona sujeito e objeto, onde a técnica é provocada para pensar, onde a estética proporciona um testemunho determinante da contemporaneidade”.

Para explicitar as trilhas confusas por onde caminhamos, o “dédalo” é a imagem-força, perfeita, utilizada por George Balandier. Alcançamos os “dédalos de ilusão” através das constantes interroga-

ções que fazemos quanto à realidade do mundo traduzido em imagens. O mundo produzido pelas telas multiplica os encontros ao infinito, mas não saímos de nossos lugares. Os deslocamentos acelerados da “era eletroeletrônica” nos colocam em caminhos contraditórios. De um lado, criamos um mundo novo, mostrando o homem com sua força criadora. Por outro lado, “a opacidade do futuro parece impenetrável”.

Seguindo o pensamento de George Balandier, podemos perceber que começamos a viver com a noção de “tempo real” aplicada às máquinas. Esta noção oriunda do vocabulário de informática, das técnicas digitais, pode definir a capacidade do computador de tratar quase imediatamente de efetuar numa grande velocidade a sincronização de um número muito grande de operações. Esta velocidade determinará a construção de um novo espaço. Uma rede mundial está crescendo diante do nosso olhar e parece transformar... até mesmo a nossa forma de amar.

Márcio Souza Gonçalves nos apresenta os “Amores Virtuais” em um artigo que nos instiga a reflexão sobre as novas armadilhas da sedução, agora via computador. Surge a pergunta: Como será que os amores virtuais modificam nossa maneira de amar? Como resposta, o autor sugere várias formas de se pensar sobre a tecnologia na contemporaneidade.

Para entender melhor tal reflexão, sugiro a criação de uma ponte com o pensamento de Paul Virilio quando fala que todos os tipos de telecomunicação servem, de certa maneira, para termos a possibilidade de estar em outro lugar, permanecendo aqui. As nossas interações cotidianas estão se transformando de maneira veloz e poderemos assistir

no próximo milênio a velocidade como espetáculo.

Virilio afirma que estamos tendo um contato e uma visão inédita do mundo, que se encontra iluminado por uma nova luz. Aconteceu uma verdadeira revolução trazida pelas tecnologias do tempo real.

Se a velocidade não serve mais para o deslocamento, mas para ver, a duração como “destendimento” irá revelar a imagem e o seu objeto, o espaço e as representações do tempo assim como a imagem que se reconfigura no espaço dito virtual.

O corpo em movimentos virtuais não é apresentado por Márcio Gonçalves como uma forma de se criarem várias identidades a partir da falta de um corpo material. O corpo parece se volatilizar nos teclados do computador. Se não temos mais a sustentação de um corpo, na relação amorosa, teremos que criar, através das palavras, uma nova subjetividade, identidades fictícias. Diante de uma relação “incorporal”, cairemos no anonimato e ressurgiremos da possibilidade de relatar cada vez mais as nossas fantasias e segredos. Segundo o autor, “refletir acerca dos relacionamentos virtuais é refletir sobre a mais radical mudança no campo dos relacionamentos humanos na época contemporânea”.

Chrissoula Constantopoulou nos mostra como essa revolução trazida pela alta tecnologia transforma e toca, de maneira profunda, a vida do homem através dos videogames. Podemos, nesse artigo, constatar que o lúdico também foi sendo apropriado pela tecnologia. A autora nos apresenta o videogame como “o último parto da indústria midiática” ou como última “aplicação” da tecnologia da comunicação. Assistimos “ao casamento da alta tecnologia (incluindo multimídia e realidade virtual) com os conteúdos fúteis dos jogos destinados ao tempo livre e sem fins produtivos”.

A partir do texto de Chrissoula podemos acreditar que o imaginário, que por muito tempo foi reprimido pelo hiper-racionalismo, adquiriu importância nas redes de comunicação contemporânea. “Os assuntos favoritos giram em torno de uma fantástica reversão no que concerne ao tempo, à destruição (a morte), à metamorfose, à liberação (no espaço e no tempo), à transferência com e do ‘outro’ (o bicho, a mulher, a máquina).”

Diante da mobilidade acelerada oriunda das velocidades das tecnologias, temos uma leitura original, sobre os destinos

da cultura brasileira, no artigo de Ângela Maria Dias. A autora usa de maneira instigante os personagens criados pelos “Andrades no nosso Modernismo” para falar da extrema mobilidade como condição existencial. A questão do movimento não é nova na produção cultural brasileira, mas necessita de uma crítica profunda.

Vemos que a metáfora da viagem na questão da tradição antropofágica brasileira ainda é pertinente para interpretarmos o momento atual da sociedade. Nesta viagem, “a transnacionalização da cultura pelos fluxos livres do capital, das informações e das comunicações aposenta a aposta numa ‘cultura de exportação’, já que o ultra-contemporâneo freqüente todas as imagens cotidianas, desestruturando a antiga hierarquia dos modos de produção (erudito, popular, massivo) e confundindo fronteiras e pertencimentos localizados”. Ângela Dias nos lembra, ainda, que “a tarefa crítica do pensamento como ação no interior de uma cultura historicamente colonizada não se esgota”. A autora nos aponta a necessidade de se fazer uma reinterpretação da herança histórica da cultura brasileira.

É claro que com o crescimento da pluralidade de olhares sobre o cotidiano uma variedade de perspectivas sobre o mundo aparece, por vezes as significações específicas de cada grupo se chocam e se entrecruzam. O problema se coloca na legitimação dessas novas perspectivas. A afirmação de certos grupos se torna difícil exatamente pela diversidade.

É bom lembrarmos que a legitimação diz ao indivíduo porque as coisas são do jeito que são e isto não é apenas um valor, mas uma forma de conhecimento. Assim, na “construção social da realidade” vemos vários níveis de legitimação colorindo o “ultra-contemporâneo”.

Dentre os diversos discursos que procuram entender a contemporaneidade, Paulo Pinheiro busca no pensamento pré-socrático abertura para reflexões. O autor mostra através do mito de Prometeu, na versão sofística de Protágoras, que o que está em jogo é a capacidade de relação não com uma substância ou com um objeto, mas sim “a relação com outros homens, com esses outros que tomam as coisas a partir de si mesmo, que relativizam, portanto, e que terminam por constituir esse regime curioso, falante ao extremo grau, produtor por excelência de discursos e de versões”, capazes de estabelecer identidades e diferenças - de comunicarem-se em última instância.

A leitura que Paulo Pinheiro faz de Protágoras mostra que o homem se constitui como tal, fora dele, fora de uma natureza humana, pelo domínio da técnica. O homem, ao se apropriar da técnica doada por Prometeu, cria a pólis, a arte política e constitui a sua identidade - a identidade se faz pela diferença e o aprendido. Se para Sócrates a arte política pode ser entendida como arte da guerra, necessária à defesa da comunidade, e a arte de administrar a cidade, Protágoras vai além. Para ascender ao nível político não basta a técnica, o aprendizado da técnica, o domínio da técnica (esta pode ser adquirida no estado da comunidade) - é preciso o discurso, a compreensão do discurso.

Alguns temas polêmicos que até há bem pouco tempo estavam na boca do senso comum entraram de maneira impositiva no meio acadêmico. Um desses temas que “entrou de sola” na Universidade e toma cada vez mais espaço é o futebol. Hugo Lovisololo vai nos mostrar como o jornalismo esportivo é fonte de dados e interpretações para os pesquisadores em história e sociologia do esporte. Porém, o autor nos alerta que “uma das fontes de ‘crise’ das ciências sociais talvez esteja no fato de que se produzem muitos trabalhos de difícil distinção das matérias jornalísticas”.

A dramaticidade das conquistas de nossos ídolos e celebridades está estampada nas diversas mídias. No artigo de Ronaldo Helal encontramos várias questões pertinentes para se refletir sobre as narrativas que mitificam o sucesso dos nossos ídolos do futebol. O autor analisa, particularmente, a idealização do sucesso, contida na biografia do atleta Zico. Contudo, Ronaldo amplia o nosso terreno de reflexão, quando nos coloca um olhar original sobre o esporte e mais especificamente sobre o Brasil, dizendo que “é importante estarmos atentos para os discursos que fogem dos padrões considerados ‘oficiais’. Eles podem ser extremamente reveladores de faces do Brasil que não nos acostumamos a celebrar”.

Temos também neste número da Logos uma rubrica intitulada “Pesquisa”, onde poderemos encontrar trabalhos que irão nos ajudar a pensar um Brasil polifônico em seus métodos e apreensões da vida cotidiana e acadêmica. Nesse momento da leitura da revista, reafirmo a metáfora do calidoscópio nos dando cores e formas novas para se interpretar o mundo atual.

Em uma retomada dos valores nacionais, com a intenção de entender o momento, temos o texto do Enrique Rodríguez Larreta e Guillermo Giucci. Com esses autores percebemos que a produção cultural pode ser reinterpretada a partir da biografia de Gilberto Freyre - visão que vai privilegiar a compreensão da história do pensamento do Brasil. Acredito que seja pelo desejo de afirmar a figura do único, do singular, numa época de tanta pluralidade, em todos os campos do saber, que encontramos a originalidade do trabalho dos autores.

Tomando conhecimento do caráter de indeterminação dos fatos da vida cotidiana, somos levados a acreditar que a via do simbólico nos permite integração de significações contraditórias.

É importante lembrar que a afirmação de todos os universos simbólicos e todas as legitimações são produtos humanos e suas existências têm origem na vida cotidiana do indivíduo.

Seguindo essa linha de pensamento temos o artigo intitulado: "Forma e Experiência: a Visão Ambivalente de Simmel", que nos mostra a pesquisa que vem sendo desenvolvida por Rousiley Maia. A autora usa o conceito de "forma" para nos incitar a pensar sobre a intensidade e importância que os pequenos atos cotidianos adquirem para formar a vida social. A partir de análise rigorosa, afirma que Simmel "não toma a sociedade como uma entidade unificada, formada por estruturas persistentes e centrada em macrossujeitos como o Estado ou o Mercado. Ainda, Simmel não concebe a sociedade em sentido absoluto de um sistema global de normas constitucionais que regulam o poder e os interesses dos indivíduos de modo mais ou menos automático".

Os signos não são mais fortes, eles se tornaram do domínio da confusão. A leitura e a interpretação de alguns textos da literatura ainda podem nos deixar vislumbrar um possível real, agora multifacetado. Os signos estão explodindo em todos os campos minados pela indeterminação e é exatamente esta situação que faz com que a sedução esteja presente de maneira marcante na nossa sociedade.

Com a leitura de Carlos Moreno, vemos uma abertura para pensarmos a possibilidade de se "produzir Arte em circunstância de massificação", a partir de uma leitura minuciosa do conto de João do Rio intitulado "Laurinda Belfort".

O autor faz diversos passeios para nos mostrar as múltiplas interpretações para um conto. Em um primeiro momento vemos a questão do corpo tomar forma na mulher Laurinda com seus objetos e desejos. Em um segundo momento vemos o escritor João do Rio tomar formas variadas passando por Barthes, Benjamin, Wilde e ser interpenetrado por Sontag e Freud.

Com Heloisa G. P. Nogueira encontramos a mesma significação simbólica na obra de Raduan Nassar, Lavoura arcaica. Novos prismas são enfocados pela autora para falar de velhos significados como identidade, pátria, herói, caráter, dentre outros.

Como falei no início desta apresentação, podemos escutar um certo balbuciar sobre perdas generalizadas e seguindo esta idéia temos o pensamento de Jean Baudrillard mostrando que a sedução que se apresenta hoje perdeu o suspense e o sortilégio, para revestir a forma de obscenidade e indiferença. Para o autor, a sedução possui três fases. A primeira, sendo a ritual, com sua forma dual e mágica, a segunda, da estética das aparências do jogo e, por último, a fase "política", que, segundo Baudrillard, é a que vivemos, com a perda total do ritual, simplesmente a reprodução sem fim de uma forma sem conteúdo.

É importante lembrar que sedução para Jean Baudrillard é o que temos para viver como um resto de destino, jogo, sortilégio, predestinação e vertigem. Mas, além desse pensamento que sugere perdas, podemos ver aqui na Logos um movimento de reflexão que nos desvia de uma verdade absoluta, de um único sentido e abre novas perspectivas para olharmos a pluralidade do mundo.

Baudrillard diz que o mais importante é seduzir os signos eles mesmos, mais do que procurar verdades escondidas. Para o autor, nós nem mesmo vivemos mais o momento trágico da regra e do jogo, nós agora vivemos uma "immanence cool" da norma e dos modelos. Acabou a polaridade do signo e em seu lugar vivemos a digitalidade do sinal. A possibilidade de relação não existe mais neste estado, somente uma conexão digital. O universo agora é de erotização lúdica, pois engloba todos os jogos com as redes.

Parafraseando Baudrillard, afirmo que quando o mundo inteiro, em todos os setores, pede uma visão clara dos fatos, surge a sedução para nos afugentar da objetividade e determinação dos fatos

da vida... mas por outro lado mostramos que existe uma forma que está nascendo que começa a delinear o novo social, e é esta a visão que a revista Logos pretende passar.

---

\* João Maia é Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris V-Sorbonne e Professor da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.